

histórico *como*, simultaneamente, a reinterpretar essa figura como Cristo ou Senhor. Nenhuma geração realiza isso de forma absoluta e para sempre. O melhor que podemos fazer, e isso é mais do que suficiente, é realizá-lo adequadamente bem, aqui e agora. Isto não significa humildade individual ou pessoal, mas destino estrutural e sistêmico. Seria uma traição definitiva a Jesus pensar que a história ou a teologia o teriam captado de uma vez e para sempre. O que é permanente é a dialética.

A história não é um 'opcional' da nossa fé. A fé cristã é essa dialética, modelada em nosso cânon, repetida uma e outra vez em nossa tradição, e proposta novamente hoje ali onde a fé está dinamicamente viva.

Walter Eduardo Lisboa é Mestre em Sagrada Escritura. Leciona no Instituto de Filosofia e Teologia Paulo VI em Mogi das Cruzes - SP. [walter\\_lisboa@uol.com.br](mailto:walter_lisboa@uol.com.br).

## NAS MONTANHAS HÁ SOLUÇÃO (Gênesis 13,1-18)

*Dr. Milton Schwantes*

Já estamos familiarizados com a porta de entrada de Gn 12-25. Vimos que uma de suas alas tematiza a questão da terra (11,27 até 12,9). A outra dá primazia ao direito da mulher (12,10-20). O cap.13 é o cenário do primeiro recinto, após ultrapassada a soleira da porta de entrada. Sua temática conecta com a primeira ala, aquela que realça a *terra*. O cap.13 está, pois, na continuidade de 11,27-12,9.

Este capítulo faz sentido em si. Não necessita de complementações. Ainda assim há ligações com outros capítulos. São marcantes em direção aos caps.18 e 19. Estes têm sua preparação em nosso cap.13.

Com isso, vamos à *tradução* desta perícopes:

<sup>1</sup>Abrão subiu do Egito para o Neguebe, ele, sua mulher, tudo que lhe pertencia e Ló com ele. <sup>2</sup>Abrão era muito rico em gado, prata e ouro. <sup>3</sup>Andou de acampamento em acampamento do Neguebe até Betel, até ao lugar onde primeiro estivera a sua tenda, entre Betel e Ai, <sup>4</sup>até ao lugar do altar que outrora tinha feito. Ai Abraão invocou o nome de Javé.

<sup>5</sup>Também Ló que acompanhava Abraão tinha ovelhas, gado e tendas.

<sup>6</sup>A terra não bastava para sustentá-los e para morarem juntos, pois seus bens eram numerosos. Não podiam morar juntos. <sup>7</sup>Houve contenda entre os pastores de gado de Abrão e os pastores de gado de Ló. - Naquele tempo cananeus e fereseus viviam na terra. - <sup>8</sup>Abrão disse a Ló: "Não haja contenda entre mim e ti, entre meus pastores e teus pastores, pois somos irmãos. <sup>9</sup>Toda esta terra acaso não está diante de ti? Separa-te de mim! Se fores para a esquerda, irei para a direita; se fores para a direita, irei para a esquerda." <sup>10</sup>Ló ergueu seus olhos e olhou todo o Vale do Jordão, na direção de Zoar, que era todo ele abundante em águas - antes de Javé haver destruído Sodoma e Gomorra - como o jardim de Javé, como a terra do Egito. <sup>11</sup>Ló escolheu para si todo Vale do Jordão. Ló partiu para oriente. Separaram-se um do outro.

<sup>12</sup>Abrão permaneceu na terra de Canaã. Ló permaneceu nas cidades do vale. Armava suas tendas até Sodoma. <sup>13</sup>Os homens de Sodoma eram maus e grandes pecadores diante de Javé.

<sup>14</sup>Javé disse a Abrão depois de Ló se haver separado dele: “Ergue teus olhos e, desde o lugar onde estás, olha para o sul, para o oriente e para o ocidente, <sup>15</sup>pois toda terra que vês darei a ti e à tua descendência, para sempre. <sup>16</sup>Tornarei tua descendência como o pó da terra de sorte que, se alguém puder contar o pó da terra, também contará a tua descendência. <sup>17</sup>Levanta-te e percorre a terra no seu comprimento e na largura, pois eu ta darei.”

<sup>18</sup>Abrão mudou as tendas. Andou e foi habitar nos carvalhais de Manre, que existem junto a Hebrom. Ali construiu um altar para Javé.

### UMA NARRAÇÃO COM COMEÇO E FIM

Faz sentido! É o que se pode constatar após a leitura destes dezoito versículos. Levantam um problema, a contenda entre Abrão e Ló: “houve contenda” (v.6). E apresentam a solução: “separaram-se um do outro” (v.11). Um foi numa, outro noutra direção.

Há, pois, um só assunto. O capítulo tem *coesão* temática. A disputa de pastagens, de espaço vital para os *rebanhos* é o eixo. Ainda que esta constatação primeira requeira complementos, não pode ser perdida de vista.

A unidade, a coesão do nosso capítulo também se denota ao atentar para seu começo o seu final. Inicia com um deslocamento: “Abrão subiu” (v.1). Conclui com um reassentamento: “foi habitar... ali construiu” (v.18). O episódio se desenrola entre este “subir”, que abre o cenário para uma nova experiência, e aquele “habitar”/“construir” que encerra a peça.

Contudo, esta certa unidade que percebemos não deixa de ter suas parcelas, seus momentos distintos.

### TRÊS MOMENTOS

Identifico *três momentos* diferentes, em três parcelas principais: v.1-5, v.6-11 e v.12-18. A primeira (v.1-5) encaminha a questão. Apresenta o assunto. Faz às vezes de uma exposição. A segunda (v.6-11) apresenta o conflito e sua solução. Constitui o núcleo temático. A terceira (v.12-18) caracteriza a vida de cada um dos dois que estão em litígio após a separação. É a conclusão. Cada uma destas partes destaca um conteúdo específico:

v.1-5	exposição:	Abrão e Ló têm grandes rebanhos
v.6-11	núcleo:	conflito por falta de espaço e sua solução através da separação
v.12-18	conclusão:	Abrão e Ló seguem caminhos diferentes

Esperar-se-ia que o segundo momento, o que dá a temática ao capítulo, fosse o mais detalhado. Surpreende que isso não ocorre. A primeira e a terceira partes são as mais extensas. Por quê?

### MUITA ‘DIVAGAÇÃO’

Há um fio condutor: o conflito entre Abrão e Ló e sua superação. Contudo, nem todas as afirmações se ajustam a esta linha mestra. Há uma série de desvios de rota, em especial na exposição (v.1-5) e na conclusão (v.12-18).

Na exposição, a identificação do local de acampamento nas cercanias de Betel (v.3b e v.4a) retarda a narração. Funciona como parêntese.

Na conclusão, a maioria dos versículos representa ‘divagações’, digressões. Os v.13 e v.14-17 desviam; nem as informações sobre Sodoma (v.13) e nem as promessas (v.14-17) estão organicamente ligadas ao assunto principal, ao núcleo temático.

Inclusive no núcleo, deparo com tais parênteses. É o caso do dado histórico sobre a situação em Canaã no v.7. Aí também caberiam parcelas do v.10.

Estas 'divagações', digressões não têm vida em si. Isoladas e dissociadas do assunto principal, do eixo narrativo não fazem sentido. Trata-se, pois, claramente de enxertos. Devem-se ao papel que o cap.13 desempenha em meio aos demais capítulos. Têm a ver com seu contexto literário. Vejamos!

### UM CAPÍTULO PERMEADO PELO CONTEXTO LITERÁRIO

Assuntos de outros capítulos, efetivamente, *se atravessam por dentro* de nosso capítulo. Nele estacionem por instantes. Fazem dele uma espécie de 'cruzamento de estradas'. Nossos versículos contêm *referências* para o que lhes antecede e para o que lhes segue.

Nos primeiros versículos, as referências remetem para o que antecede ao cap.13. A principal está nos v.3-4. A identificação do local de acampamento entre Betel e Ai remete para 12,8. Também o v.1 e o v.2 estão conectados ao que lhes antecede. Parte do v.1 é igual a 12,20. E as riquezas de Abrão (v.2) já eram tema em 12,5.16. Portanto, constato que, nos versículos iniciais, as referências remetem para o cap.12.

Na parte final, se encontram diversas indicações para capítulos que seguem: o v.13 e parcelas de v.10 e v.12 têm o cap.19 em mente; preparam a narração sobre a destruição de Sodoma. Para muito além de nosso capítulo apontam as promessas de terra e de povo nos v.14-17, que, aliás, reafirmam o que já se lia em 12,1-3.7. Verificamos, pois, que nos versículos finais prevalecem referências para episódios vindouros, se bem que não faltem retomadas em relação ao capítulo precedente, o cap.12.

A quantia de indicações para o contexto literário, seja ele anterior ou posterior, é significativa. O contexto literário, de fato, passa por dentro do cap.13! Não se poderá deixar de reconhecer este fenômeno marcante. Contudo, não é necessário que daí se deduza que o cap.13 tenha sido criado em função deste contexto.

Como surgiu nossa perícopé?

### UMA OBRA DE VÁRIAS ÉPOCAS

Víamos que o cap.13 é uma grandeza complexa. Por um lado, apresenta unidade e coesão em torno de um tema central (conflito entre Abrão e Ló). Por outro lado, está sob forte influência do contexto literário. Isso já mostra que nossa perícopé não foi concluída de uma só vez. Tentemos dar-nos conta de sua trajetória de origem.

Uma explicação bastante evidente pode ser dada àquelas referências que apontam para o cap.12. Penso, por exemplo, no v.1 que indica para 12,20, nos v.3-4 que rememorizam 12,8, e nos v.14-17 que simultaneamente remetem para 12,1-3.7 e para a 'tomada da terra' em Josué. Estas referências foram criadas por quem colecionou estas memórias e escreveu estes textos em sua versão final. Interessou-lhe ligar e conectar episódios. E isso não se deu antes dos tempos do exílio, no 6º século. Nesta época, os textos foram reunidos literariamente. Aí fazia sentido dar destaque à riqueza de Abrão (e Ló). E, em especial, o conteúdo das promessas dos v.14-17 (terra e povo numeroso) é nitidamente dos tempos do exílio. A perda do controle da terra e a brusca diminuição da população, devido à deportação e aos massacres durante vários séculos (8º, 7º e 6º séculos) são a base real para as promessas destes v.14-17! Em 732 e 722 Israel fora devastado, em 701 Judá teve sorte quase idêntica. E, em 597 e 587, Judá foi destruído. Portanto, as referências que amarram nosso capítulo ao cap.12 são *bastante recentes, certamente exílicas*, senão pós-exílicas.

Quando atribuo esta redação final tempos do exílio, não penso que seus autores tenham estado na Babilônia. Não! A linguagem e a ótica desta versão final não coincidem com o jeito dos exilados. Antes estamos na própria terra, em Judá, entre os *judaitas* remanescentes. Estas pessoas sofreram as dores do exílio, porque experimentaram a ruína de Judá. Viram acabar-se Jerusalém, seus reis e templo. Sofreram duros reveses diante da invasão babilônica, que lhes devastou a terra inteira. São estes que se expressam coletando e redigindo suas memórias como sucede em nosso cap.13.

Mais antigas são as conexões com os caps.18-19. O v.13 é um típico exemplar desta ligação com a história da destruição de Sodoma (caps.18-19). Esta integração não é fruto de quem redigiu os textos. Deve ter aparecido bem antes da anotação escrita, no nível da transmissão oral. Isso ocorreu *em tempos anteriores ao exílio*, talvez até antes da implantação do Estado, no 10º século.

Mais antigo é o assunto principal, o conflito entre Abrão e Ló. Remonta a tempos distantes. Fez-se até necessário localizar ouvinte e leitor, através de uma nota como a do v.7: "naquele tempo cananeus e fereseus viviam na terra".

O ambiente é o do *seminomadismo*. Abrão e Ló são pastores de ovelhas e cabritos. Vivem na região semi-árida, entre a área da mata e do deserto, na região montanhosa do centro-sul palestinese. Suas migrações do Egito ao Neguebe, de lá para Betel, e daí para Hebrom têm a ver com o dado sócio-econômico de viverem no contexto do seminomadismo do gado miúdo. Deste ambiente provém a memória do conflito. Não me parece que o texto, como literatura, já tenha sido criado naqueles tempos remotos. Aliás, este foi escrito por quem se situa fora do ambiente do semi-nômade das ovelhas, pois quis atribuir gado bovino vacum, ouro e prata a seus personagens, o que extrapola de longe as condições reais da vida de um semi-nômade.

A *disputa por pastagens* - que é o motivo da contenda - corresponde à vida semi-nômade. A escassez de pastos tem a ver com o excesso de animais. Em tais casos, a separação amistosa é a solução. A guerra ainda não existe. Guerra entre grupos tão diminutos de seminômades não faria sentido. Esta está vinculada ao estado, como veremos no cap.14.

Certamente, o cap.13 tematiza uma contenda entre dois grupos siminômades. Contudo, este conflito entre pastores só é uma das questões em disputa. É o que se vê, quando ocorre a separação. Penso no seguinte: Abrão, ao se separar de Ló, permanece nas montanhas. Dirige-se a Manre, nas cercanias de Hebrom, em local inclusive mais montanhoso do que Betel. Ao contrário, Ló! Abandona a montanha. Desce ao vale. Aproxima-se do âmbito das cidades. Abrão continua, pois, seminômade de montanha. Ló passa à

planície e se achega à cidade. Portanto, para nosso capítulo *montanha e planície, seminomadismo e cidade* se opõem. Antagonizam. Ora, esta observação ajuda a localizar o cap.13. Acontece que com a instalação do reinado, na passagem do 11º para o 10º século, o antagonismo entre montanhas e planícies passou a se diluir. Antes da monarquia, era constitutivo para a experiência de Israel, como o atesta inequivocamente Juízes 1,27-36. Assim sendo, o núcleo temático do cap.13, no mínimo, é anterior ao aparecimento do estado israelita-judaíta. Inclusive há de remontar ao próprio tempo dos patriarcas, *antes de 1200 a.C.*

Estórias, como a que perfaz o eixo narrativo de nosso cap.13, têm seminômades como seus primeiros transmissores. Em nosso caso, são os que se sabem na tradição de Abrão, seu ilustre antepassado. Estes longínquos narradores nos legaram o conteúdo principal de nossa perícopa. Contudo, permanecem anônimos. Escapam à nossa identificação. Mas de seus primeiros aprendizes talvez possamos dizer algo mais específico. Acontece que as cercanias de Betel são o cenário do conflito. E Manre é a estação de chegada de Abrão. Veja Gênesis 28 e 35! Trata-se aí de dois lugares santos, de santuários antigos. Os antepassados dos israelitas estão vinculados a eles. Teriam sido romeiros ou os agentes do culto destes locais consagrados os primeiros a prestigiar a estória sobre Abrão e Ló? Teriam ajudado a difundir a entre os que por lá passassem? Trata-se de uma possibilidade.

Pudemos, pois, detectar *três momentos na trajetória de Gênesis 13*. Nos tempos remotos do 13º século, contava-se entre seminômades e entre freqüentadores de lugares cúlticos, como Betel e Manre, o núcleo principal, composto das cenas de contenda e separação entre Abrão e Ló. Em tempos posteriores, possivelmente ainda antes da efetivação de um estado israelita, nossa estória foi acoplada às dos caps.18-19, que culminam na destruição de Sodoma e Gomorra. E, por fim, sob as circunstâncias do exílio do 6º século, o cap.13 foi integrado ao conjunto das Histórias sobre Sara e Abraão.

## UM CONFLITO COM SOLUÇÃO - OS CONTEÚDOS

Víamos que os conteúdos estão agrupados em três subunidades: v.1-5 (exposição), v.6-11 (eixo), v.12-18 (solução).

A *exposição* (v.1-5) é bastante extensa. Encaminha para o tema, apresentando-nos os dois personagens.

Já no v.1 se percebe que estamos sendo ambientados com dois personagens: Abrão e Ló. Num primeiro momento, parece que suas migrações são o que mais os caracteriza. Sobem do Egito e vão ao Neguebe. Fala-se aí em “subir”, porque se pensa no rio Nilo e em seu Delta, situados mais baixos do que o Neguebe e a Palestina. Mas, logo se nota, que estas migrações, que sem dúvida são típicas para Abrão e Ló, não são, aqui, sua marca maior. Mais relevantes são suas posses. O próprio v.1 já menciona as de Abrão: “sua mulher e tudo que lhe pertence”.

O v.2 justamente tematiza estes pertences de Abrão. Compõem-se de rebanhos de gado. O termo hebraico aí usado, tanto diz respeito a gado vacum quanto a ovelhas e caprinos. Afora os rebanhos, são mencionados “prata” e “ouro”. A seqüência “rebanho”/“prata”/“ouro” culmina na “prata”, naquela riqueza citada no centro, a mais importante. Pois, prata é o mais valioso. A enumeração põe o mais valioso no centro, como tantas vezes ocorre na linguagem da Bíblia. Em relação a todos seus preciosos bens, Abrão é - traduzido literalmente - “muito pesado”. O “peso” é aqui a “riqueza”.

O v.5 é paralelo a v.2. Aquele informava sobre a exuberante riqueza de Abrão. Este, sobre a de Ló, se bem que o faça em termos mais comedidos e mais próximos às condições de vida de um seminômade. As posses de Ló compõem-se de animais e de “tendas”. Como animais estão citadas as “ovelhas” (mais correto seria dizer “ovelhas” e “cabritos”, já que o termo hebraico abarca ambos) e o “gado”. A seqüência “ovelhas”/“gado”/“tendas” obedece à mesma lógica do que a do v.2. Aqui, o mais valioso, o “gado”, também está no centro. É ladeado por “ovelhas” e “tendas”, ambos característicos das condições seminômades.

A tarefa dos v.1+2+5 é a de dar a conhecer os dois personagens, Abrão e Ló, como gente de *grandes posses*. O v.1 introduz a ambos, o v.2 está dedicado a Abrão e o v.5 a Ló. Em sendo Abrão a figura predileta já se fala de seus bens no próprio v.1 e se lhe atribui monumental riqueza no v.2. Esquemato:

- v.1 Abrão “ele, sua mulher, e tudo que lhe pertencia” (v.1)  
“era muito rico em gado, prata e ouro” (v.2)
- Ló “tinha ovelhas, gado e tendas” (v.5)

Os v.3-4 respiram ares seminômades. Neles nada há que contradiga às circunstâncias pastoris. (Nisso diferem dos v.1,2,5!) A expressão, com a qual inicia o v.3, é bem típica para o jeito seminômade. Refiro-me ao “andar de acampamento em acampamento”. O termo, traduzido por “acampamento”, diz respeito ao ‘arrancar as estacas das tendas’, ao ‘levantar acampamento’, a fim de ir a outro lugar, em busca de novas pastagens, no caso em direção de Betel. No ambiente pastoril, uma tal migração era muito lenta. Estava vinculada às estações do ano, à própria transumância. Até a prática cultural, delineada no v.4, condiz com o ambiente daquele agreste. Fazia-se o altar junto ao acampamento. Ali também se invoca a Deus. Enfim, o que os v.3-4 deixam transparecer é algo dos usos e costumes de Abrão e Ló; coadunam-se muito bem com sua condição de pastores seminômades.

Porém, a função destes dois versículos não é propriamente a de apresentar a situação de vida de nossos personagens. Isso já começa a transparecer, quando se percebe que os v.3-4 só se referem a Abrão. Ló de alguma maneira está junto, como o v.5 trata de anotar. Mas, os conteúdos dos v.3-4 não se referem a ele. Dizem respeito a Abrão. E dele se faz três afirmações que lhe dão destaque.

Primeiro, se constata que ele retornou a Betel (veja 12,8). E Betel não era para os israelistas um local qualquer. Era um local cúltico tradicional, um santuário antigo. Lá se cultuava a memória de Jacó (Gênesis 28 e Oséias 12). Veio a ser o centro de maior renome no estado de Israel. O v.3 constata que já Abrão o reverenciava! Fez questão de retornar para lá! Não seria seu mais ilustre romeiro?

Segundo: em Betel, o primeiro altar foi acrescido de novo altar erigido por Abrão, já que o primeiro foi esquecido como sucedeu com tantos outros altares erguidos por aqueles longínquos antepassados. O próprio Abrão estabeleceu a memória do altar de Betel. Fê-lo, duas vezes, um memorial!

Terceiro: Abrão também exerceu a prática cúltica junto a este altar-memorial de Betel. Seu culto consistia de invocações. Se bem que o sacrifício não esteja excluído (afinal o altar é mencionado!), a oração merece destaque maior. Ora, ela é citada em último lugar, no ápice.

Portanto, o culto em Betel remonta a Abrão! Ele foi o primeiro partícipe deste culto. Os v.3-4 pretendem, pois, mostrar o quanto Abrão (e não Ló!) representa o povo israelista. É seu *modelo*. Numa linguagem mais atualizante, se diria que os v.3-4 apresentam um 'crente' exemplar.

A exposição cumpre, pois, um duplo objetivo: por um lado, apresenta Abrão e Ló como pessoas ricas; por outro lado, destaca o enraizamento de Abrão nas tradições cúlticas memoriais. A riqueza de ambos é o motivo do conflito. A devoção de Abrão contém o germe da solução da contenda. Portanto, os v.1-5 realmente encaminham para o núcleo da perícopa, ainda que o façam com alguns rodeios e adornos. Passemos, pois, ao temário central.

O *centro da narração* vai do v.6 ao v.11. Inicia com uma síntese do problema (v.6) e conclui com a solução (v.11). O *problema* é: "não podiam morar juntos". A *solução* foi: "separaram-se um do outro".

O v.6 está na continuidade dos v.1-5. Explicita a problemática inerente ao fato de Abrão e Ló terem "numerosos bens". O convívio de ambos no mesmo espaço tornava-se inviável. O começo do v.6 o expressa de uma maneira bem peculiar: "a terra não lhes bastava", literalmente: "a terra não conseguia carregá-los". A riqueza dos dois grupos gerou um dilema muito objetivo: escassez de terra, de pastagens. E este dilema inviabilizou a convivência. Resultou em desavença (v.7a):

"Houve contenda entre os pastores de gado de Abrão e os pastores de gado de Ló." A riqueza gera conflito! Ele aparece primeiramente como desacerto entre os "pastores" de ambos os lados. Estes "pastores" são os que o v.5 designava de "tendas". São as famílias que compunham o grupo de Abrão e Ló. Estes "pastores" provavelmente não são escravos ou assalariados, mas integrantes da família, do clã (veja Êxodo 2,16 e 3,1). Estamos, pois, diante de um conflito inter-famílias. A este nível, não se acha solução nem pela guerra e nem através de um tribunal. O tribunal já pressupõe um agrupa-

mento mais complexo de clãs. A guerra a rigor é negócio de estado. A nível inter-familiar a solução se dá por negociação e acordo. É o que nos apresentarão os v.8-11.

Entre a eclosão do conflito (v.7) e o encaminhamento do acordo (v.8-11), foi interposta uma nota informativa (v.7b): "naquele tempo cananeus e fereseus viviam na terra". Ressalta a agudeza do conflito. Além da riqueza, a presença de "cananeus" e "fereseus" diminui ainda mais o espaço. O conflito é muito sério. Uma solução é difícil!

Discute-se quem seriam os "fereseus" (veja também 15,20; Êxodo 3,8 etc.). Ao lado dos "cananeus", hão de designar os habitantes da Palestina antes da constituição de Israel.

A proposta de solução vem de Abrão. Em meio ao conflito e diante do impasse, sua palavra abre novas perspectivas. Esta sua fala dos v.8-9 é decisiva para o episódio. Tem alguma semelhança com a fala dos v.14-17.

O conflito começara porque a terra dizia "não" ao convívio de duas pessoas tão abastadas. Abrão começa dizendo "não" ao conflito: "não haja contenda!" De acordo com suas palavras, o desacerto não só envolve os "pastores" de ambos os lados. Trata-se de uma "contenda entre eu e tu", entre Abrão e Ló, entre as riquezas de ambos os lados. É muito relevante não restringir aqui o "eu" e o "tu" ao nível inter-pessoal. Os versículos anteriores já deixavam muito claro que são coisas (riquezas) e não pessoas que se encontram em rota de confrontação. Este "eu"/Abrão e o "tu"/Ló estão sendo sugados para dentro do confronto entre coisas: "ouro", "prata", "gado". O conflito transcende as relações pessoais. É o que vai realçar o v.9. Contudo as pessoas não estão isentas. Por isso, a justificativa para que a confrontação seja superada tem sua razão de ser. Reza: "somos irmãos"! Os laços consangüíneos evocados como motivo para a superação da contenda. Ló é apresentado como sobrinho de Abrão (11,27 e 12,5). Este argumento da consangüinidade tem sua relevância. Mas, pelo visto, não é suficiente para a superação do impasse. A rigor, era conhecido dos litigantes, que apesar dele brigavam. Por isso, o v.9 vem a ser muito importante. Agrega os conteúdos decisivos que dão

novo rumo ao episódio. O v.8 permanece no nível do apelo e do argumento cultural. O v.9 'desce' à esfera real; propõe alterações factuais! São três as mudanças:

Primeiro – “toda esta terra acaso não está diante de ti?”

Segundo – “Separa-te de mim!”

Terceiro – “Se fores para a esquerda, irei para a direita, se fores para a direita, irei para a esquerda.”

Inicialmente, é desfeito o entrave principal. Este residia na falta de espaço, motivado pela abastança e presença de cananeus/fereseus. Mas, de fato, ainda há terra. O v.9 evidentemente pensa em terra para o pastoreio seminômade, não em terra agricultável, ocupada por cananeus e fereseus, por Sodoma e Gomorra. A terra visada é a que Abrão usa, ao migrar para Manre.

Segue-se a proposta de solução: separação! Trata-se de uma solução tipicamente seminômade. Não é apropriada para camponeses, gente presa à roça e às colheitas.

Por fim, a Ló é concedida prioridade de escolha. Abrão, o mais idoso, se orientará pela opção de seu sobrinho.

A fala de Abrão abre novas perspectivas. Soluciona a questão, como se verá nos v.10-11. Portanto, *nas palavras de Abrão nossa perícopes encontra seu auge*. O que lhe segue é conseqüência da clarividência abrahâmica.

Aqui, a imagem de Abrão também alcança uma de suas expressões mais positivas. Já o destacávamos em relação aos v.3-4. Nos v.8-9, seu papel é ainda mais belo. Sua proposta é viável, inteligente e aceitável. Além disso Abrão é generoso e nobre. Desiste de seus direitos (de ser o mais idoso e o mais abastado) em prol da paz. É um *exemplo de conduta*, um verdadeiro modelo. Quão distante esta imagem de Abrão está daquele de 12,10-20!

Os v.8-9 foram a generosa e inteligente fala em favor de uma solução. Os v.10-11 são a prática desta solução. Através de seus gestos e de suas medidas concretas, Ló evidencia estar de acordo com seu tio. Assente.

Quatro verbos expressam este assentimento de Ló: “ergueu seus olhos”, “olhou”, “escolheu”, “partiu”. Abarcam o processo de tomada de decisão e de sua concretização. Cada verbo enfoca um momento especial. O mais importante é o “olhar”. Nele o texto se detém. A decisão cai no “olhar”!

Devemos, pois, acompanhar Ló em seu “olhar”. Seus olhos se detém em algo realmente espantoso, em “todo o Vale do Jordão”, desde a altura de Betel, onde se encontra, em direção de Zoar. Esta localidade deve ser procurada a sul do Mar Morto. Trata-se de um espetáculo fascinante. Lá das montanhas áridas se avista a fartura e a fertilidade daquele imenso vale. A ele deve-se imaginar integrado o atual Mar Morto, pois o próprio v.10 se apressa em anotar que estamos em tempos “antes de Javé haver destruído Sodoma e Gomorra”, aniquilando aquela fantástica planície. O que qualifica este vale é sua ‘abundância em águas’?. É comparável ao que de mais exuberante se pudesse imaginar: “o jardim de Javé” e “a terra do Egito”, ambos regados por águas caudalosas. À vista de tamanho encanto, os olhos decidiram pelo vale. Para lá se pôs em movimento. “Partiu para oriente.” Visto desde Betel, o vale do Jordão fica a oriente.

De longe este vale encanta. Mas, ‘nem tudo o que brilha é ouro’. As planícies não são terra livre. Estão sob o controle das cidades, em especial de Sodoma. Por isto, com vistas a seu futuro, Ló não faz boa escolha.

Houve solução para o impasse. *A separação foi a solução!* A frase final do v.11 dá-lhe destaque: “separaram-se um do outro”.

A *conclusão* complementa o sentido de nossa perícopes com aspectos importantes. Por isso, até se compreende que ocupa tantos versículos: v.12-18. Neles, os v.14-17 são uma digressão. Tomo a liberdade de considerá-los mais adiante.

Inicialmente, restrinjo-me, pois, aos v.12-13+18. Representam o encerramento do episódio numa fase mais antiga, anterior ao enxerto dos v.14-17. Se vejo bem, então há uma disposição mui intencional nestes versículos. Visualizo-os num esquema:

Abrão	“permaneceu na terra de Canaã”
Ló	“permaneceu nas cidades do vale”
Ló	“armava suas tendas até Sodoma”
	“os homens de Sodoma eram maus e grandes pecadores diante de Javé”
Abrão	“armou as tendas, andou e foi habitar nos carvalhais de Manre, que existem junto a Hebrom”
	“ali construiu um altar para Javé”

Esta disposição dos conteúdos mostra que as atitudes de Abrão e Ló, após a separação, estão sendo comparadas. Para entender o que se diz de Abrão é preciso perceber o que se diz de Ló, e vice-versa. Sigamos por esta pista.

Abrão continuou sendo seminômade: “armava tendas” (v.18). E o prosseguiu sendo nas montanhas. É o que significa a expressão: “permaneceu na terra de Canaã” (v.12). Abrão até ‘intensificou’ seu seminomadismo de montanha. Afinal, ao dirigir-se a Manre, perto de Hebrom, subiu a lugares mais altos. Embrenhou-se nas montanhas! Foi ‘sertão’ adentro! E, além disso, ficou firme em Javé. Nisso reside algo muito importante. Ao se chegar a Manre, Abrão foi a um lugar deveras sagrado, a um centro cultural. Lá fez seu altar. O v.18 até parece estar sugerindo que Abrão tenha fundado este centro religioso nas cercanias de Hebrom. Novamente, a devoção de Abrão é exemplar. Estamos sendo remetidos aos v.3-4, onde deparávamos com acentos idênticos. E isso, por sua vez, reforça a importância das últimas palavras de nossa perícopa: em Manre Abrão “construiu um altar a Javé”. Manre voltará no cap.14, bem como no cap.18.

Portanto, os últimos versículos celebram Abrão como seminômade das montanhas, como exemplar crente em Javé e como devoto de antigos e tradicionais centros cúlticos.

Todo o contrário é dito de Ló! Desceu à planície. Não permaneceu fiel ao seminomadismo. Aproximou-se do âmbito das cidades. Sob sua tutela “armava suas tendas”. Associou-se à cidade de Sodoma, local importante no cap.14 e nos caps.18-19. Ló achegou-se ao mais nefasto dos modelos de

cidade: Sodoma! O v.13 caracteriza seus moradores como gente da pior espécie: “os homens de Sodoma eram maus e grandes pecadores diante de Javé”. Enquanto Abrão edifica um altar “para Javé”, Ló se torna concidadão de gente má “para Javé”. Ló se faz indigno ao descer ao vale e aliar-se à cidade. Abrão permaneceu digno e justo, ao meter-se ‘sertão’ adentro!

Portanto, os versículos conclusivos acrescentam um aspecto novo. Pro põem decididamente o pastor e montanhês Abrão como modelo e polemizam flagrantemente contra Ló, achegado às cidades da planície. Na montanha há solução para a vida e há culto a Javé. As cidades do vale agrupam “grandes pecadores”. São uma ameaça à vida.

As promessas divinas dos v.14-17 sublinham a validade do modelo abramítico, enraizado nas montanhas. Estes v.14-17 são uma inclusão que conheceu o exílio. Complementam os versículos circundantes, dando ênfase na *promessa*.

Estes v.14-17 contêm a ótica de judaítas, de remanescentes, não de deportados ou exilados na Babilônia. Pode-se percebê-lo num dado bastante evidente: a terra pode ser alcançada pelos olhos. Para chegar a ela não é preciso retornar do exílio. Basta olhá-la e voltar a apossar-se dela. O problema maior é o povo, este sim parece pouco, pequeno; na promessa ele é multiplicado, tornado incontável. Portanto, a perspectiva destes versículos é certamente judaíta. Pode provir de tempos exílicos (isto é do 6º século), mas também poderia preceder a ele (como ocorre no cap.15).

Quanto ao conteúdo, toda atenção está voltada para Abrão. Só a ele se dirige a palavra de Javé, de acordo com o começo do v.14. Ló contracena com Abrão. Permanece no pano de fundo, como contrapolo. As atitudes ordenadas por Javé a Abrão são as que Ló tivera em reação às propostas de Abrão (Ló no v.10):

Ló	“ergueu seus olhos e olhou” (v. 10)
Abrão	“ergue teus olhos e olha!” (v. 14)

Javé dirige duas ordens (v. 14-15+17) e uma promessa (v.16) a Abrão. As ordens circundam a promessa. Elas mesmas também implicam em promessas. O cumprimento das ordens efetiva e antecipa o porvir.

Dois são os temas destas ordens-promessas: concessão da terra e multiplicação do povo. O primeiro prevalece sobre o segundo. Circunda-o:

- v.14-15- terra (ordem)
- v.16 - povo (promessa)
- v.17 - terra (ordem)

Enfoco primeiramente o v.16, aquele que é promessa explícita. Em torno dele estão colocadas as ordens que se referem à terra. O v.16 expressa sua promessa com ajuda de uma comparação: “tornarei tua descendência como o pó da terra”. Esta comparação rompe qualquer esquema! Refere-se a algo verdadeiramente grandioso. O próprio v.16 explica, porque recorreu a ele: “se alguém puder contar o pó da terra, também contará a tua descendência”. A comparação com o pó da terra serve, pois, para garantir que a descendência não possa ser contada. Outras passagens bíblicas expressam o mesmo (28,14 e Oséias 2,1). Esta figura não é escolhida por acaso. Afinal, afirmar que um povo é incontável equivale a afirmar que é incontável. Os organismos estatais sempre trataram de contar o povo (2 Samuel 24!). Contar significa dominar. Não conseguir contar significa não conseguir submeter. *Uma descendência incontável é um povo não subjugável!*

Os v.14-15+17 redundam em promessas da terra. Mas, a rigor, são ordens. Ordenam que Abrão tome posse. A dádiva da terra é a justificativa deste apossamento. Tanto os v.14-15 quanto o v.17 segue a mesma estrutura: ordem de apossamento da terra que é justificada através da dádiva da terra. Esquematizo:

- v.14-15 ordem “ergue teus olhos... olha para o norte e para o sul...”  
fundamentação “pois toda a terra que vês darei a ti e à tua descendência...”
- v.17 ordem “levanta-te e percorre a terra no seu comprimento e...”  
fundamentação “pois eu te darei”

O esquema é, pois, idêntico nestas ordens. Contudo, há duas diferenças.

Primeiro: nos v.14-15, são os olhos que se apossam da terra. No v.17, são os pés. Há, pois, uma progressão, um avanço na conquista do dolo. O v.17 (“percorre a terra!”) está mais avançado.

Segundo: os v.14-15 estabelecem os limites. Marcam os quatro cantos da posse. O v.17 se refere à ocupação do espaço dentro destes limites, em seu “comprimento” e em sua “largura”. A terra tem limites e espaços, a descendência é ilimitada. A terra pode ser percorrida e medida, as pessoas são incontáveis. A terra é controlável, as pessoas não devem ser controladas. A terra existe para ser posse; o povo, para ser livre!

Os v.14-17 evidentemente não estão ditos para Abrão e Ló. Até implicariam em sérios impasses para suas vidas. Para eles, como seminômades, uma multiplicação exagerada da descendência significaria mais e mais conflitos, como os em debate no cap.13. Os v.14-17 visam aos contemporâneos que experimentaram deportações e dizimação da população de Israel e Judá. Esta gente perdera o controle de sua terra, fora exilada ou morta. A retomada da terra e o aumento da descendência eram seus temas prediletos. Por isso, também era tão importante destacar que a terra lhes estava concedida “para sempre”. O exílio justamente pusera em dúvida também este “para sempre”.

#### EM RESUMO

O cap.13 se situa no horizonte temático de 11,27-12,9: seu tema é a terra. E está na seqüência de 11,27 até 12,20 e a caminho do cap.14.

Várias épocas influenciaram-no. É fruto da experiência e da prática religiosa de várias gerações. Identificamos três momentos de seu surgimento: o conteúdo principal provém de tempos distantes, ao meu ver anteriores ao 12º século. Seu tema é a contenda entre dois grupos seminômades. Este núcleo narrativo foi posteriormente agregado a narrações sobre o destino das cidades de Sodoma e Gomorra (caps.14+18-19). Por fim, em tempos exílicos e pós-exílicos ocorreu a integração com o restante das histórias sobre Sara e Abrão.

Ainda que esta perícopa tenha larga história de surgimento, a perspectiva que é determinante para seus conteúdos é a do seminomadismo judaíta, sul-palestinense. A ótica dos pastores da montanha é a ótica do texto!

O assunto em debate é uma contenda por falta de pastagem. Este desacerto encontra solução. Nas montanhas da Samaria e de Judá há solução para diferenças! O mesmo não sucede nas planícies, belas para os olhos, mas

imprestáveis para uma vida com qualidade! Abrão segue o projeto das montanhas. Ló se desvia para a ruína das planícies, enfocadas no cap.14 e depois nos caps.18-19.

Abrão é padrão. Ló, o exemplo a não seguir. Abrão é modelo, porque permanece fiel às raízes nas montanhas, no 'sertão', e porque ora a Javé e lhe constrói altares. Abrão é justo e é 'crente'!

Duas falas são decisivas no capítulo, a de Abrão e a de Javé. A fala de Abrão (v.8-9) propõe a solução para a contenda. A de Javé (v.14-17) promete o futuro para o povo oriundo de Abrão.

O cap.14 tem suas marcas próprias, como veremos. Está, porém, na continuação de nosso cap.13, ainda que de maneira pouco explícita.

Milton Schwantes é Doutor em Teologia Bíblica pela Universidade de Heidelberg - Alemanha. Leciona na Universidade Metodista - São Bernardo do Campo - SP. mschwantes@bol.com.br

## O *SHEMÁ*, ISRAEL EM Dt 6,4-9

### O MANDAMENTO DE DEUS CONTRA A IDOLATRIA

Pe. Antonio Carlos Frizzo

A expressão *Ouve, Israel*, tradução da clássica expressão hebraica *Shema, Israel*, adquire um sentido cada vez mais significativo, não somente em relação à tradição judaica, mas também, ao cristianismo, que, neste início de século, retoma o caminho em direção às suas raízes. Essa nova consciência emergente na Igreja, frente ao estudo do judaísmo e sua importância para o conhecimento da fé cristã, pode ser reconhecida na frase que sublinhamos: "...eu penso que para melhor explorar esta herança os cristãos precisam especialmente dos judeus porque estes têm com a Escritura uma espécie de convivência carnal, porque ao encontro de todo dualismo dessecante eles testemunham a unidade viva do homem interpelado por Deus, porque eles continuam sendo o povo destruidor dos ídolos e denunciador das ideologias antigas e novas"<sup>1</sup>.

O texto do *Shemá, Israel*, está presente não somente nas Escrituras (Dt 6,4-9; 11, 13-22; Nm 15, 37-41), mas encontra-se intimamente ligado à liturgia judaica que, na "leitura do Shema", recita-o duas vezes ao dia. Certificando, nesta atitude orante, que o Deus de Israel é Um e, com seu povo Israel, Ele selou uma aliança que jamais será rompida ou substituída. Revela inúmeras vezes que Deus convocou seu povo Israel e mantém-se fiel à aliança, impossibilitando a prática da idolatria por parte do povo eleito.

#### I. O *SHEMÁ* NO CONTEXTO DO LIVRO DO DEUTERONÔMIO

O conceito de Deus e de sua unicidade serão conhecidos por Israel ao longo da história, através dos ensinamentos transmitidos por Moisés (Dt 1,1), passando pela experiência da saída do Egito (Ex 6, 5-7) até a posse da terra

<sup>1</sup> ETCHEGARAY, C. R. Est-ce que le Christianisme a Besoin du Judaïsme?. *Cahiers Ratisbonne*, Jerusalém, n. 3, p. 13, 1997.